



O turismo como agente de transformações socioespaciais no território da Pampulha: de 1940 aos dias atuais

*The tourism as agent of social and urban
transformations in the Pampulha' territory: from
1940 to the present*

Altamiro Sérgio Mol Bessa¹

Lúcia Maria Capanema Álvares²

RESUMO

Neste artigo, discutem-se as transformações que ocorreram no Complexo Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha — Belo Horizonte, Minas Gerais — após as diferentes apropriações de seu território. Tais transformações se deram depois da perda da função original dos edifícios do conjunto e da inserção de novos equipamentos arquitetônicos de uso voltados para lazer, esportes e turismo, de utilização mais popular.

Para tanto, utilizam-se conceitos fundantes do urbanismo e do turismo e, por meio da análise de pesquisa de campo, procura-se demonstrar a alteração no perfil dos usuários da Pampulha, com o objetivo de auxiliar o estabelecimento de novas políticas públicas para o local. Pela pesquisa, demonstra-se que os novos usuários daquele território já não pertencem mais à elite e vêm, em sua maioria, do interior de Minas Gerais, em função das ações governamentais implantadas naquele local desde o final dos anos 1950.

Palavras-chave: Pampulha, turismo, políticas públicas, território, uso, apropriação

¹ Doutorando em Paisagem e Ambiente -FAU-USP. Mestre em Turismo e Meio Ambiente. Especialista em Revitalização Urbana e Arquitetônica. Professor Efetivo de Planejamento e Projetos Urbanos da UFMG;

² PHD em Regional Planning - University Of Illinois At Urbana Champaign- USA. Mestre em City And Regional Planning - Memphis State University-USA. Professora Efetiva de Planejamento e Projetos Urbanos da UFMG

ABSTRACT

This paper discusses the changes in visitors' frequency and activities that took place in Pampulha, the famous architectural complex in Belo Horizonte, Minas Gerais, from its implementation in the 1940s to the beginning of the twenty-first century. Once enjoyed by the city elite, the transformation process in that complex began with functional changes in the original buildings designed by Niemeyer, a downfall in its prestige by the late 1950s, and continued with the launching of new, more popular, leisure and sports facilities throughout the period. The essay is based on some fundamental concepts of Tourism and Urban Planning and aims at demonstrating how the 'territories' in Pampulha have changed in meaning and attractiveness. In accomplishing this purpose the paper presents a visitors' survey together with a behavioral observation field research and a few land use files; they indicate that the current visitors' profile, their motivations and satisfaction levels with the sites correspond to the public policies implemented in the area.

Key words: Pampulha, tourism, public policies, territories, use, appropriation

1. INTRODUÇÃO

A cidade de Belo Horizonte, planejada para ser a sede administrativa do estado de Minas Gerais, foi inaugurada em 1897 e, já na década de 1940, experimentava um surto de modernização, crescimento industrial, aumento do setor de serviços e fortalecimento do comércio. Essas mudanças, processadas tão rapidamente, trouxeram muitos problemas para a jovem capital, como a excessiva valorização de imóveis e terrenos das áreas centrais e o crescimento de ocupações irregulares nas encostas e periferias da cidade.

Disposto a alterar esse cenário, assume, em 1940, a Prefeitura da capital, Juscelino Kubitschek, cuja administração priorizou a modernização da infraestrutura urbana e a criação de novos bairros, distantes das áreas centrais. Um desses novos bairros — o bairro da Pampulha³ — foi construído a 15km do centro da capital com projeto de Oscar Niemeyer, então um jovem arquiteto modernista brasileiro. Kubitschek queria que o novo empreendimento fosse moderno e inovador — a marca de uma nova cidade. Para o prefeito, a Pampulha deveria ser um bairro de lazer, com cassino, clube, igreja e restaurante, tudo isso implantado às margens de um lago artificial. Inaugurado em 1943, o novo bairro atraiu a elite de Belo Horizonte, que passou não só a frequentar o Cassino, o Clube e as festas na Casa do Baile, mas também a residir no loteamento que foi construído no entorno do lago artificial.

Desde essa época, o espaço do Complexo Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha tem sofrido modificações no uso e na apropriação de seu território. De espaço utilizado pelas classes mais abastadas da população belo-horizontina, nas décadas de 1940 e 1950, passou, nos dias de hoje, a ser usado pela população de menor poder aquisitivo e por turistas, principalmente provenientes do interior de Minas Gerais, como demonstram os resultados da pesquisa apresentada no presente artigo.

Esse fato provocou uma mudança nas políticas públicas daquele local, em função do novo público e da nova demanda turística. Assim, promoveram-se modificações urbanas e arquitetônicas naquele território, como forma de adequá-lo aos novos usos. Os edifícios originais projetados por Niemeyer (Casa do Baile e Cassino) foram requalificados, ganhando novos empregos e funções. Construíram-se outros edifícios, de uso mais popular, naquele território, tais como o Estádio do Mineirão e o do Mineirinho, o Jardim Zoológico e um Parque Ecológico. Os espaços livres, que tinham como função principal o embelezamento — com paisagismo de Burle Marx —, ganharam novos equipamentos, tais como pistas de caminhada, ciclovias e mirantes, capazes de possibilitar novos usuários.

O artigo em tela, além de procurar traçar o perfil do atual utente da Pampulha,

3 Doravante tratado neste artigo apenas como “Pampulha”.

busca relacionar as mudanças no uso e na apropriação daquele espaço às transformações arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas empreendidas pelo Poder Público, ao longo do tempo, sob o viés principal da atividade turística.

2. METODOLOGIA

Para estabelecer um entendimento da proposta inicial da Pampulha, seu uso e apropriações pela sociedade da época, a pesquisa bibliográfica abrangeu o processo de desenvolvimento de Belo Horizonte, de 1897 a 1970 (PLAMBEL, 1979), o estudo dos espaços simbólicos e da arquitetura da cidade de Belo Horizonte e da Pampulha (LEMOS, 1994; SOUZA, 1998; SOUZA, 2002) e os relatos do arquiteto Oscar Niemeyer sobre o projeto e a construção da Pampulha e seu significado para a sociedade da época (NIEMEYER, 1998; NIEMEYER, s.d.).

Investigou-se a morfologia urbana — estudo do conjunto das transformações formais — da Pampulha, de sua construção aos dias atuais, com base nos trabalhos de Argan (1995), Lamas e Del Rio (1999) e Santos (CRUZ, 2002), além de considerarem-se alguns conceitos fundamentais sobre turismo e território (CRUZ, 2002). A análise da percepção do meio ambiente no território da Pampulha seguiu os princípios de Norberg-Schulz (1979) e Lynch (CHOAY, 1979), principalmente os relacionados com a legibilidade, identidade e imageabilidade, para compreensão da apropriação que os atuais usuários e turistas fazem dos diversos atrativos da lagoa.

Levantaram-se os dados a respeito da percepção, apreciação e satisfação dos turistas da Pampulha em pesquisa realizada por um grupo de 27 estudiosos nos principais atrativos da orla da lagoa da Pampulha. Para tal realização, adotou-se a metodologia de *survey* — observação direta intensiva fundamentada em entrevistas com questionários estruturados e dirigidos aos turistas e em formulários qualitativos para observação em campo, conforme o Quadro 1.

Para a compreensão do perfil dos turistas da Pampulha, organizaram-se e categorizaram-se os dados coletados pelos pesquisadores segundo a metodologia proposta por Claude Kaspar (*apud* DENCKER, 2003, p. 201), isto é, critérios biossociodemográficos, compostos por faixa etária, sexo, origem, rendimentos e escolaridade e critérios ligados ao comportamento turístico, relacionando dados, como motivação, forma de viagem, permanência e repetição.

Formulários aplicados	Número	Locais dos trabalhos de campo
Questionário sobre a percepção/apreciação/ satisfação dos atrativos da orla da Pampulha pelos turistas	106	Barragem Casa do Baile
Formulário 1: Morfologia do território	27	Conjunto Mineirão e Mineirinho
Formulário 2: Análise visual	27	Igreja de São Francisco
Formulário 3: Percepção do meio ambiente	27	Jardim Zoológico
Formulário 4: Comportamento ambiental	27	Mirante do Saguí/AABB
Formulário de atrações turísticas da Secretaria de Estado de Turismo de Minas Gerais	8	Museu de Arte Parque Ecológico Promotor José Lins do Rego

Fonte: autoria própria

3. REFERENCIAL TEÓRICO

No fundamento dos conceitos necessários à evolução deste artigo está a conceituação de espaço que, segundo SANTOS (*apud* CRUZ, 2002, p.16), “é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, entre sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a historia se dá”.

Outro conceito importante está na base da associação turismo/paisagem/espaço: as práticas turísticas ocorrem na paisagem, “resultado do arranjo espacial de sistemas de objetos (naturais e sociais)” e “têm uma fixidez espacial que é resultado da fixidez espacial das formas — objetos que definem sua existência. Se, por um lado, entretanto, as paisagens não mudam de lugar, por outro, mudam frequentemente de significado. Acrescida de significado, a paisagem forma o espaço”. (CRUZ, 2002, p.17).

Assim, se ao espaço se somam práticas turísticas, resulta naquilo que, segundo SANTOS (*apud* CRUZ, 2002, p.18), denomina-se território: “o conceito de território corresponde a frações funcionais do espaço. Corresponde ao espaço funcionalizado, apropriado por determinados atores sociais (que lhe atribuem determinadas funções) num dado momento histórico”.

Pode-se dizer, então, que a paisagem da Pampulha refere-se ao conjunto de sua base física, territorial, de seus edifícios e equipamentos que, acrescidos dos diversos significados simbólicos de cada elemento constitutivo (Mirante, Casa do Baile, Museu, Igreja, Zoológico, Mineirão, pista de *cooper* e espelho-d’água, entre outros), de suas transformações no tempo, passam a formar o espaço da Pampulha.

Mais além, pode-se também argumentar que a Pampulha constitui um território de Belo Horizonte, o Zoológico, um território da Pampulha e, da mesma forma, o Mineirão,

o Museu de Arte e todos os espaços que, apropriados, passam a ser funcionalizados. Da mesma maneira, com base nesses princípios, pode-se afirmar que o conjunto da Pampulha constituiu diversos territórios ao longo do tempo, com características particulares, em função dos variados momentos históricos e das diferentes ações praticadas pelos muitos atores sociais que os frequentaram.

4. OS TERRITÓRIOS DA PAMPULHA E SUAS TRANSFORMAÇÕES NO TEMPO

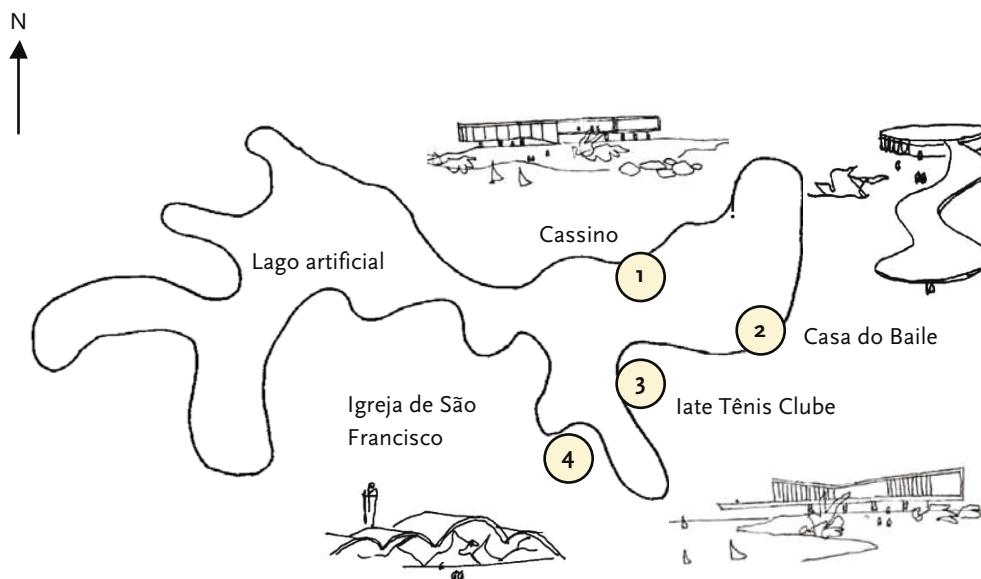
As transformações nos territórios da Pampulha e o modo como a atividade turística contribuiu para que a população de menor poder aquisitivo assumisse a fruição daquele espaço podem ser mais bem evidenciados com base na evolução de cada um dos antigos espaços, passando pela instalação de novos equipamentos, para então empreender uma leitura comparativa do projeto original com os pontos turísticos atuais.

4.1 O projeto original

Entre as décadas de 1920 e 1940, a vida sociocultural de Belo Horizonte acontecia, principalmente, no centro histórico e, mais particularmente, na rua da Bahia, ponto de encontro de jovens e intelectuais. Na década de 1940, no entanto, iniciava-se uma revolução no cotidiano da cidade de Belo Horizonte. Concomitantemente à verticalização dos espaços centrais, sob a influência do *art déco*, começava outro processo de transformação da cidade: o da modificação das estruturas urbanas empreendidas por Juscelino Kubitschek (JK). Nomeado prefeito da capital, JK alterou a fisionomia da cidade no sentido de sua modernização. Nesse contexto, nasceu o Conjunto da Pampulha, que para Souza (2002, p.48), ao ser implantado em área afastada do centro da cidade, revelou “a intenção de deslocar os espaços legitimados pelo poder estatal, ao se dirigir para uma região a ser ainda explorada, uma região de lazer e um lugar de futuro”.

Para garantir o caráter de modernidade que pretendia ver como traço de sua administração, JK encomendou a Oscar Niemeyer o projeto para o Conjunto da Pampulha, que criou rapidamente, em croquis, os elementos básicos de seu plano, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1 — Conjunto da Pampulha — Croquis de Oscar Niemeyer



Fonte: autoria própria

O arquiteto cria um complexo composto de quatro edifícios: o Cassino, a Casa do Baile, o Iate Tênis Clube e a Igreja de São Francisco.

A Pampulha, nos primeiros anos após a sua construção, que duraria apenas nove meses, representou, segundo Souza (1998, p.197), uma mudança de paradigma, conferindo novas aspirações ao morar e ao convívio social, e imprimindo, nos habitantes da cidade, o desejo de serem modernos para serem atuais. No entanto a apropriação desse espaço não foi um processo coletivo e universal. Inúmeras análises da conjuntura social da época dão conta da utilização do novo espaço exclusivamente pela elite sociocultural da capital mineira, desde os fins da década de 1930 até meados da década de 1940. Falando da vida cultural de Belo Horizonte naqueles tempos, Plambel (1979, p. 212) afirma que estava restrita “às classes economicamente superiores e a grupos intelectualizados da classe média. Apesar do alto índice de alfabetização da população da capital, esses requintes culturais não chegavam à grande massa”.

Pode-se afirmar, assim, que os primeiros tempos da Pampulha serviram aos propósitos governamentais, com uma apropriação elitista do espaço — contando com um toque populista de ocupação na Casa do Baile e um significado geral modernizante (CAMPOS, 1983).

4.2 Edifícios originais e suas mudanças de uso

Três dos edifícios originais do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha — o Cassino, a Casa do Baile e o Iate Tênis Clube — tiveram seus usos originais alterados. Já a Igreja de São Francisco teve seu uso originalmente proposto obstado, já na sua inauguração, pelo arcebispo d. Cabral, que considerava a igrejinha moderna demais, e só veio a ser consagrada aos cultos a partir de 1952 (CAMPOS, 1983).

a) De Cassino a Museu de Arte da Pampulha — MAP

Projetado em 1940 e inaugurado em 15 de maio de 1943, o projeto de Niemeyer, com paisagismo de Burle Marx e obras de escultores de renome internacional (conforme a Figura 2), deixou de abrigar o Cassino em 1946 com a proibição do jogo no Brasil. Permaneceu fechado até dezembro de 1967 quando passou a abrigar o MAP. Em 1996, sofreu um processo de restauração e reestruturação técnica (PBH, 2004).

Figura 2 — Vista aérea do MAP



Fonte: sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Dispõe de um acervo de novecentas obras de artistas consagrados e realiza mostras individuais e coletivas de artistas contemporâneos. Além disso, promove outros eventos, tais como as apresentações musicais programadas para as segundas quartas-feiras de cada mês. Tem, ainda, Biblioteca e Centro de Referência e Documentação, bar-café e loja de *souvenirs*. Há um projeto de autoria do próprio Oscar Niemeyer para a construção de um anexo ao Museu num terreno em frente (NIEMEYER, 1998, p. 24).

b) De *Dancing* a Centro de Referência de Arquitetura, Urbanismo e *Design* — a Casa do Baile

A Casa do Baile (Figura 3) foi inaugurada em 1943. Era o espaço destinado a bailes para a classe média e onde, segundo Souza (1998, p. 197), os usuários podiam fazer “refeições com cardápios inovadores para a época”. Abrigava um salão com mesas, pista de dança, cozinhas e instalações sanitárias, com a sua marquise externa “a cobrir, sinuosa, as mesas

ao ar livre, como a lembrar que a curva pode ser bela, lógica e graciosa, se bem construída e estruturada” (NIEMEYER, 1998, p. 95).

Figura 3 — Marquise da Casa do Baile



Fonte: sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

Em 1948, dois anos após a desativação do Cassino, a Casa do Baile também foi fechada por inviabilidade econômica, tendo sido utilizada como restaurante em diversos, mas curtos, períodos (CAMPOS, 1983).

Atualmente, destina-se a exposições e eventos na área de arquitetura, urbanismo e *design*. Possui um acervo virtual sobre esses assuntos que pode ser consultado na própria Casa do Baile, de terças a domingos, das 9h às 19h. Dispõe de sala de exposições localizada no antigo espaço de dança e de um auditório com 53 lugares (PBH, 2004).

c) A perda do caráter original e de seu valor como atrativo turístico: o Iate Tênis Clube

O Iate Clube de Minas Gerais, inaugurado também em 1943, era um clube municipal, posteriormente privatizado, que integrava o Conjunto da Pampulha (Figura 4). Suas linhas arrojadas, destacando-se o telhado em “V”, paredes envidraçadas com *brises* metálicos eram uma novidade arquitetônica. Outra inovação apresentada pelo Iate Clube tratava-se da estrutura para esportes náuticos, principalmente o remo (SOUZA, 1998).

Figura 4 — Iate Clube de Minas Gerais em 1943



Fonte: Fundação Oscar Niemeyer.

Atualmente o Iate Clube encontra-se completamente descaracterizado arquitetonicamente, embora tombado pelo Patrimônio Histórico nas esferas dos poderes municipal, estadual e federal. Além de suas descaracterizações internas, a construção de um muro, ao longo da avenida circundante, retira do visitante a vista da lagoa. Edificaram-se, também, diversos anexos sem atender aos critérios mais elementares previstos nas Cartas Patrimoniais ou na legislação federal.

O Iate hoje não se oferece como um atrativo turístico. Parece não ser reconhecido como tal nem pelos turistas e usuários da Pampulha nem pelo Poder Público. Ao apresentar a Pampulha no seu sítio eletrônico, a Prefeitura de Belo Horizonte sequer cita o Iate como pertencente ao Conjunto da Pampulha (PBH, 2004).

d) Edifício e mudanças de uso: a Igreja de São Francisco de Assis

A igreja inaugurada em 1943 foi, segundo SOUZA (1998, p. 195), “a primeira igreja moderna do Brasil. Ali Niemeyer ousou renovar a tradição de um espaço religioso católico com base em uma estrutura nova onde o concreto expressasse todas as possibilidades plásticas”, como mostra a Figura 5.

Figura 5 — Igreja de São Francisco de Assis



Fonte: sítio eletrônico da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte

O seu projeto reporta-se à tradição da arquitetura religiosa mineira por solicitação do próprio JK, conforme já mencionado. Portinari pintou os 14 painéis da Via Sacra e o mural do altar, no interior da igreja, bem como os azulejos da fachada, sobre a vida de São Francisco de Assis. Compõem a arquitetura da Igreja de São Francisco, os jardins projetados por Burle Marx e quatro quadros de bronze, de autoria de Ceschiatti, que retratam a criação do mundo. Pelo arrojo formal e pela proposta inovadora, a “Igreja de São Francisco de Assis encontrou obstáculos que impediram o seu funcionamento” (LEMOS, 1994, p. 37). Assim, dom Cabral, arcebispo de Belo Horizonte na época da inauguração, recusou-se a consagrá-la. Somente em fins dos anos 1950, foi aberta ao culto religioso, tendo sido utilizada como museu nesse ínterim (CAMPOS, 1983). Atualmente, a Igreja de São Francisco

e suas obras de arte são tombadas pelas instâncias dos patrimônios históricos e artísticos nacional, estadual e municipal.

Como consequência das transformações políticas, sociais e culturais operadas nos diversos momentos históricos que se seguiram à inauguração da Pampulha, todos os edifícios originais tiveram, em algum tempo, utilização diferente da proposta inicial.

Muitas vezes, como no caso da Igreja de São Francisco, percebe-se uma tentativa de dar aos edifícios um novo papel, desconsiderando-se as suas significações simbólicas, as relações contextuais orquestradas pelos usuários e as necessidades e carências da população.

A partir do instante em que se percebe a demanda da população por equipamentos de lazer e a vocação potencial daquele espaço para abrigá-los, inicia-se um processo de transformação com a construção de novos atrativos.

4.3 Novos atrativos turísticos e novos territórios

Após a inauguração e, principalmente a partir da década de 1960, a Pampulha passou a ter a preferência das autoridades para receber os novos atrativos projetados com finalidades de lazer/turismo e propostos para a cidade. Foram construídos novos artefatos arquitetônicos, em períodos diversos: o Estádio Governador José de Magalhães Pinto (o Mineirão) e o Ginásio Jornalista Felipe Drumond (o Mineirinho); o Jardim Zoológico Municipal, o Jardim Botânico e o Parque Ecológico Promotor José Lins do Rego, componentes da Fundação Zoobotânica; e vários mirantes, destacando-se pelo uso turístico o Recanto do Sabiá e o Novo Vertedouro, este último na Barragem (Quadro 2). Esses novos equipamentos foram fundamentais para a mudança de apropriação de uso daquele espaço. De natureza mais popular, levam à Pampulha grande número de pessoas, contribuindo para sua maior utilização e fruição.

A orla da lagoa foi revitalizada e entregue ao público no primeiro semestre de 2004 com novos equipamentos, como pista de *cooper*, pista para bicicletas, sanitários e um novo tratamento paisagístico, com várias praças e mirantes. As obras, em geral, vêm adequar o território ao uso atual — turístico de caráter mais popular —, incentivando a frequência e proporcionando ao público em geral maior conforto em equipamentos de acesso gratuito e irrestrito.

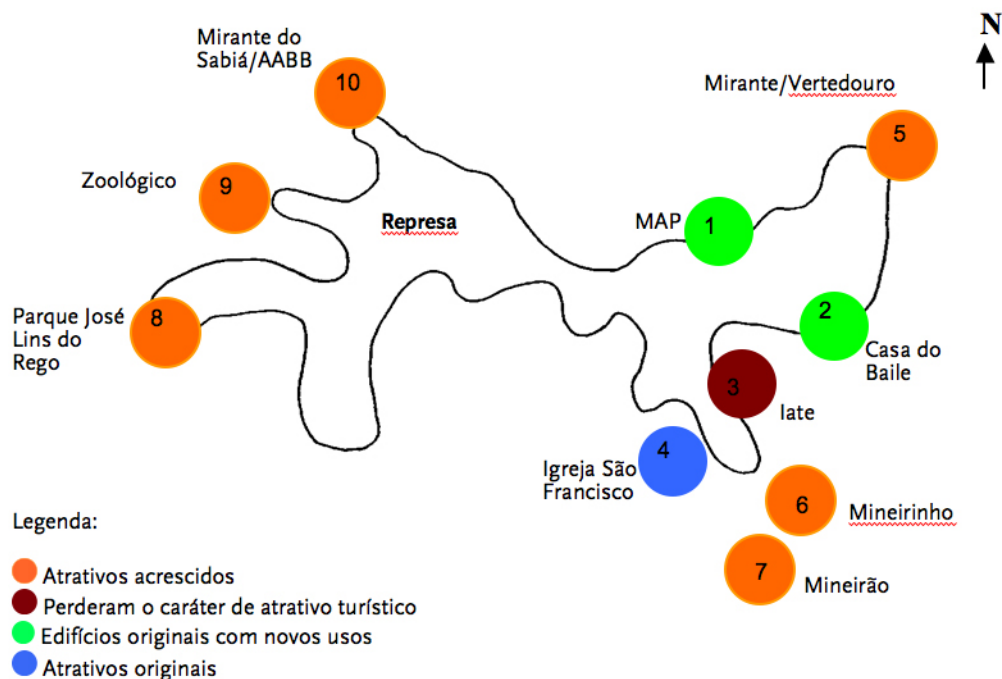
Quadro 2 — Resumo dos principais atrativos construídos na Pampulha após sua inauguração

Atrativo	Data da construção	Finalidade	Características principais	Figura
Conjunto Mineirão e Mineirinho	Mineirão: inaugurado em 1965 Mineirinho: inaugurado em 1980	Esportes e outros eventos	O Mineirão tem capacidade para 130 mil pessoas, e o Mineirinho é um ginásio poliesportivo com capacidade para 25 mil pessoas.	
Jardim Zoológico e Jardim Botânico	Jardim Zoológico: fundado em 1959 Jardim Botânico: inaugurado em 1991	Turismo, lazer, educação ambiental, preservação ambiental	O Zoo recebe um grande público, principalmente nos fins de semana. Ocupa uma área de 1,4 milhão de metros quadrados e abriga uma reserva nativa do cerrado. Possui um plantel de cerca de novecentos animais, de duzentas espécies, do Brasil e de outras partes do mundo.	 
Parque Ecológico Promotor José Lins do Rego	Inaugurado em maio de 2004	Lazer, educação e preservação ambiental	Ocupa uma área verde de trinta hectares formando uma ilha na lagoa da Pampulha, sobre uma área de assoreamento e aterro. O Parque Ecológico é aberto ao público de sextas a domingos.	

Fonte: Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

A conformação atual da Pampulha apresenta, assim, muitas diferenças em relação ao seu quadro original (Figura 1), conforme mostra a Figura 7.

Figura 7 — Distribuição atual dos atrativos turísticos na Pampulha



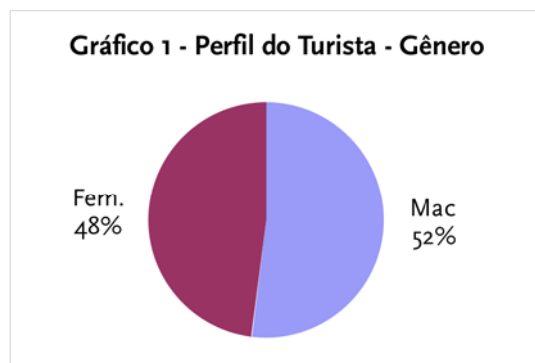
Fonte: autoria própria

Dos quatro edifícios originais, apenas a Igreja de São Francisco de Assis mantém as suas funções originais, tendo passado por período de uso descaracterizado. Os equipamentos posteriores superam em número e em atratividade turística os edifícios originais, podendo-se ainda notar uma expansão territorial da atividade turística, com a criação de equipamentos e melhoramentos da orla no sentido oeste, distantes do eixo, e de visadas monumentais propostos por JK e Niemeyer.

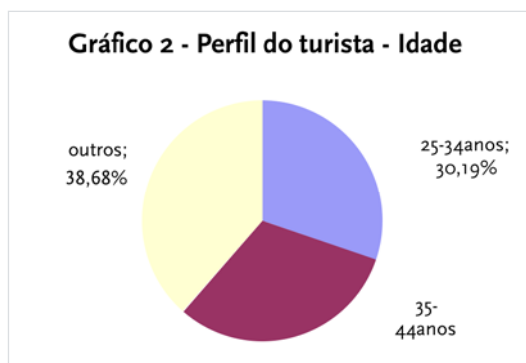
5. ANÁLISE DO TURISMO DA PAMPULHA NA ATUALIDADE

As políticas públicas em relação à região da Pampulha, incluindo-se aí desde a abertura de vias de ligação com o centro da capital e com outras cidades da região metropolitana e a criação de novos bairros de classe média e média-baixa, até a instalação de equipamentos esportivos e turísticos de caráter popular, como já analisado, vão explicar parcialmente a popularização do turismo local, que pode ser aferida com base na pesquisa de campo de 23 de maio de 2004. Pode-se especular que a preferência turística e as políticas públicas se complementam ao longo do tempo nessa transformação: ora o Poder Público propõe um uso mais popular, ora se adapta a ele. Se, conforme os relatos históricos das décadas de 1940 e 1950, ali circulava a elite belo-horizontina, hoje é possível traçar um quadro bastante diferente do visitante.

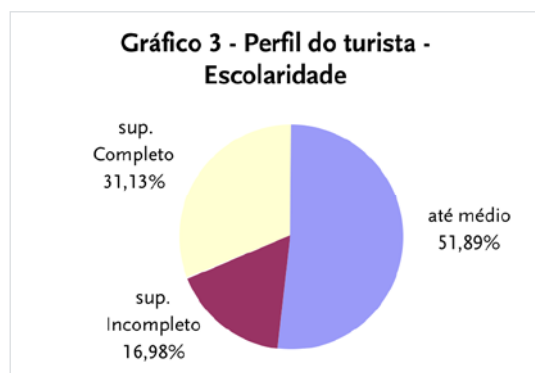
→ O turista atual da Pampulha — Segundo os critérios biosociodemográficos e de comportamento do turista atual da Pampulha, o perfil predominante apresenta, quanto ao gênero, ligeira predominância do sexo masculino (Gráfico 1), com presença marcante de adultos entre 25 e 44 anos (Gráfico 2) e de escolaridade até o ensino médio completo, com no máximo 11 anos de estudo formal (Gráfico 3). E mais: a população de turistas vem em grande parte do interior do estado (Gráfico 4) e percebe vencimentos de até cinco salários mínimos (61,77%) (Gráfico 5).



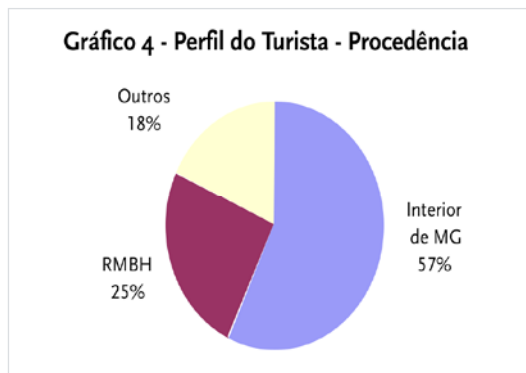
Fonte: autoria própria



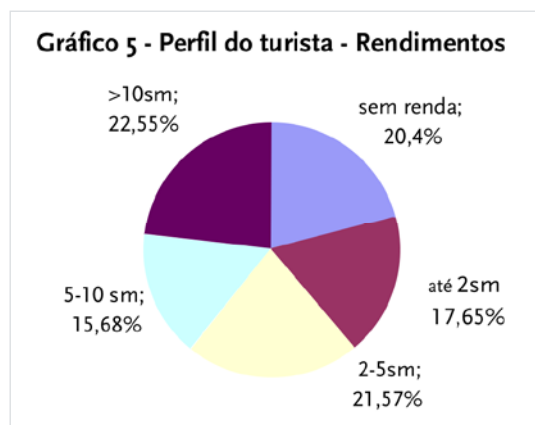
Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria



Fonte: autoria própria

O comportamento turístico apresenta, como dados predominantes, a viagem em companhia de familiares, o uso do carro particular e a motivação do lazer e do descanso. São, em sua maioria, pessoas que já conhecem e repetem a visitação ao atrativo e vêm a Belo Horizonte para passar o domingo, dedicando de duas a seis horas ao passeio, como mostra a Tabela 1.

Tabela 1 — Dados do comportamento turístico por perfil predominante

Fator analisado	Predomínio	Dados relevantes
Forma de viagem	<i>Com familiares</i>	Com familiares = 36,19%
Como veio a Belo Horizonte	<i>Carro particular</i>	Carro particular = 58,50% Ônibus = 19,80 % Avião = 13,20 %
O principal motivo da viagem	<i>Lazer e descanso</i>	Lazer e descanso = 41,35% Visita a parentes e amigos = 14,42%
Tempo de permanência em BH	<i>Menos de um dia</i>	Menos de um dia = 61,32% Entre um e dois dias = 23,58%
Tempo de permanência na Pampulha	<i>duas a seis horas</i>	duas a seis horas = 63,21% Mais de seis horas = 15,09% Menos de duas horas = 15,09%
Já conhecia a Pampulha	<i>Si, já a tendo visitado mais de três vezes</i>	Sim, já a tendo visitado mais de três vezes = 60,38%

Os dados apresentados confirmam a hipótese inicialmente estabelecida de que, hoje, a Pampulha é apropriada por turistas, em sua grande maioria, de baixa renda e nível de escolaridade de baixo a médio, provenientes, a maior parte, do interior do estado. Esse perfil é bastante diferente, portanto, da elite que utilizava o espaço quando de sua inauguração.

→ Uso e apropriação atual dos territórios turísticos da Pampulha — Constitui-se, como se viu, a Pampulha de diversos territórios. Na pesquisa realizada, esse fenômeno ficou bastante claro. Nas Tabelas 2 e 3, são apresentados os dados levantados, indicando os atrativos que mais ou que menos atraíram os turistas da Pampulha.

Tabela 2 — Atrativos menos visitados na Pampulha

Atrativos menos visitados por turistas	Porcentagem de entrevistados que não visitou o atrativo
Casa do Baile	63,21%
MAP	56,60%
Parque Ecológico ¹	64,15%

Tabela 3 — Atrativos mais visitados na Pampulha

Atrativos mais visitados por turistas	Porcentagem de entrevistados que não visitou o atrativo
Entorno da Lagoa	11,32%
Mineirão/Mineirinho	34,91%
Nova Barragem	39,62%

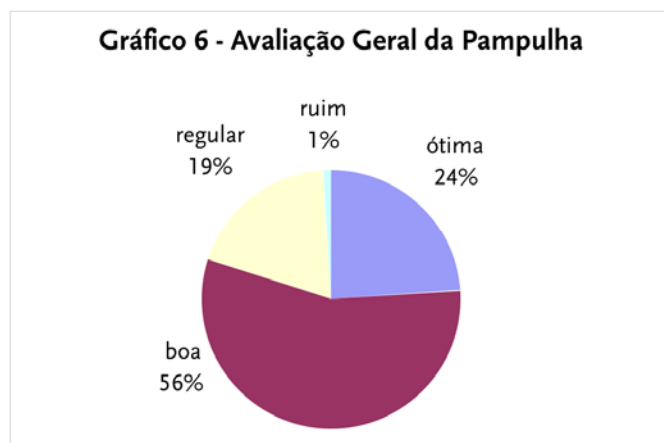
Há uma mínima frequência de turistas na Casa do Baile e no Museu de Arte da Pampulha, justamente os atrativos ligados às áreas da cultura menos populares: exposições de arte contemporânea, arquitetura, urbanismo e *design*. Pode-se especular que haja um desconhecimento dos atrativos, seja por sua pequena divulgação e sinalização, seja por uma incompreensão em relação aos bens culturais, dado o perfil predominante do turista local. Além disso, nos resultados da pesquisa de percepção territorial, nota-se que os dois atrativos são os de menor legibilidade.

É importante destacar que a Casa do Baile, por sua inserção topológica, torna-se pouco convidativa aos turistas. Além de estar localizada numa ilha e interligada à avenida marginal da orla por uma pequena ponte, apresenta uma guarita de segurança que, de certa forma, inibe o usuário de adentrar o espaço, e não tem um projeto de comunicação visual e sinalização gráfica adequado. O MAP, por sua vez, está localizado num promontório e numa reentrância da lagoa e cercado de grandes árvores. A relação topológica entre o Museu e o conjunto da lagoa dificulta a percepção do turista ainda não familiarizado com o local.

Finalmente, para especular a sinergia entre usuário e atrativo e, assim, proceder a uma aproximação do tema central deste artigo — uso e apropriação dos espaços e significados pelo turista — propõe-se analisar as respostas às perguntas abertas do questionário: “O que mais o agradou na Pampulha?”, “O que mais o desagradou?” e “Qual a sua avaliação geral da Pampulha?”

À pergunta “O que mais o agradou na Pampulha?”, 17,92% responderam a orla/lagoa, com a maior porcentagem de apreciação, e 12,26%, o visual, a paisagem, o clima, com 12,26%. À segunda pergunta aberta — “O que mais o desagradou?” —, 29,95% responderam “nada”, com a maior porcentagem de respostas, seguida de 16,04% que responderam lixo e/ou sujeira, e 11,32% que responderam o trânsito.

Na avaliação geral da Pampulha, a pesquisa revelou os seguintes resultados: 24% consideraram “ótima”; 56%, “boa” (somando-se até aqui 80%); enquanto apenas 19%, “regular” e 1%, “ruim”, conforme o Gráfico 6.



Fonte: autoria própria

Assim, esse estudo leva à confirmação da hipótese inicialmente apresentada de que ocorreu uma mudança na apropriação do Conjunto da Pampulha, originalmente fruída pela elite, nos anos de 1940 e 1950, e, depois, pelas camadas mais populares da população. Essa mudança teve como vetores a atividade turística e a ação do estado em complementaridade, em que parece haver uma relação de causalidade, desde a história até os dias atuais. Ainda, a pesquisa revelou que o turista atual da Pampulha aprecia largamente o ambiente natural e a orla, desconhecendo ou não valorizando o patrimônio cultural: o grande atrativo inicial.

6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente trabalho procurou contribuir para o entendimento dos processos e das relações envolvidas entre o turismo e o território no Conjunto da Pampulha, pesquisando e analisando os mecanismos de ação que provocaram as transformações socioespaciais ali operadas.

Ao traçar o histórico e a evolução da morfologia da Pampulha, o objetivo foi explicitar as transformações ocorridas, buscando relacioná-las com a mudança no perfil dos usuários do local. Entende-se que as principais modificações estruturais naquele espaço foram provocadas pela construção de novos equipamentos, todos de uso voltado para lazer, esportes e turismo, ficando claro o papel da atividade turística na mudança da morfologia da Pampulha.

Com base nos dados levantados pela pesquisa de campo, constatou-se a alteração no perfil dos usuários da Pampulha. Esses novos atores já não pertencem mais à elite social, econômica e cultural que frequentava o espaço na época de sua fundação. Trata-se, agora, de um público com menor poder aquisitivo, menor grau de instrução e proveniente, em sua maioria, do interior de Minas Gerais. Essa apropriação mais popular do

território da Pampulha acabou por induzir ações governamentais que passaram a privilegiar projetos de equipamentos públicos mais populares, como o Estádio do Mineirão, o Ginásio do Mineirinho, o Zoológico e, mais recentemente, o Parque Ecológico, criando, dessa maneira, um uso mais democrático daquele território. Além disso, as ações públicas caminharam no sentido de dotar a Pampulha de um conjunto de espaços livres de caráter menos contemplativo, meramente compositivo do ponto de vista paisagístico, para um uso mais ativo dos espaços, quando fizeram a inclusão de ciclovias, pistas de caminhada, mirantes, entre outros equipamentos, na orla da lagoa, ampliando a utilização daquele espaço por quem não dispõe de lazer nos locais de moradia. Percebe-se tal fato pelos resultados da pesquisa realizada, em que os usuários apontam a orla/lagoa como o atrativo que mais lhes agrada. Ao mesmo tempo, o pequeno índice de visitantes à Casa do Baile e ao Museu de Artes, apontado pela pesquisa, indica a necessidade de intervenção do Poder Público, a fim de tornar tais edifícios mais perceptíveis e sinalizados e permitir que os visitantes possam usufruir o acervo cultural de que dispõem.

Por fim, recomenda-se, em primeiro lugar, a realização de estudos mais profundos no sentido de determinar causalidades no processo de desenvolvimento turístico da Pampulha. Em segundo lugar, a necessidade de o Poder Público definir diretrizes de atuação que permitam, cada vez mais, o uso sustentável e democrático do rico patrimônio cultural do Conjunto Arquitetônico e Paisagístico da Pampulha.

7. REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Adalgisa. Pampulha — uma proposta estética e ideológica. In: *Análise e Conjuntura*, Belo Horizonte, Fundação João Pinheiro, v. 13 n.ºs 5/6, 1983.
- CHOAY, Françoise. *O urbanismo*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- CRUZ, Rita de Cássia. *Política de turismo e território*. São Paulo: Contexto, 2002.
- DEL RIO, Vicente. *Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento*. São Paulo: PINI, 1999.
- DENCKER, Ada de Freitas Maneti. *Métodos e técnicas de pesquisa em turismo*. São Paulo: Futura, 2003.
- LEMONS, Celina Borges. Construção simbólica dos espaços da cidade. In: MONTE-MOR, Roberto Luis. *Belo Horizonte: espaços e tempos em construção*. Belo Horizonte: UFMG, 1994.
- NIEMEYER, Oscar. *As curvas do tempo: memórias*. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- _____. *Conversa de arquiteto*. Rio de Janeiro: Revan, s.d.
- NORBERG-SHULZ, Christian. *Nuevos caminos de la arquitectura: existencia, espacio y arquitectura*. Barcelona: Blum, 1979.
- PBH — PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE. Disponível em: <<http://www.pbh.gov.br>>. Acesso em: 20 jun. 2004.
- PLAMBEL. *O processo de desenvolvimento de Belo Horizonte: 1897-1970*. Belo Horizonte, Governo do Estado de Minas Gerais, 1979.
- SOUZA, Eneida Maria. Olhares do cidadão. In: PREFEITURA MUNICIPAL DE BELO HORIZONTE — Museu Histórico Abílio Barreto. *Juscelino Prefeito: 1940-1945*. Belo Horizonte: s. ed., 2002.
- SOUZA, Renato César. A arquitetura em Belo Horizonte nas décadas de 40 e 50: utopia e transgressão. In: CASTRIOTA, Leonardo Barci. *Arquitetura da modernidade*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

1 Considera-se que o atrativo estava sendo inaugurado no fim de semana da realização da pesquisa.